

## O jeito inglês de contar a história

José Luís Fiori

Os ingleses, às vezes, designam e relatam os acontecimentos de sua própria história, de forma absolutamente insólita. Veja-se, por exemplo, o caso da “Gloriosa Revolução”, de 1689: segundo a história oficial britânica, no dia 5 de novembro de 1688, o comandante holandês, Guilherme de Orange, desembarcou em Torbay, em Devonshire, na Inglaterra, comandando uma frota de 500 navios e um exército de 20 mil soldados, preparados há muito tempo, para invadir e conquistar a Inglaterra, e derrotar as tropas do seu Rei James II, aliado de Luiz XIV da França, o inimigo número um da Holanda. Depois do desembarque holandês em Torbay, tudo se passou de forma muito rápida: as tropas inglesas foram derrotadas ou desertaram, e o rei James II fugiu para a França. Dois meses depois da invasão, no dia 6 de fevereiro de 1689, o Parlamento inglês declarou que o trono estava vago, e proclamou Guilherme de Orange e sua mulher Mary, Rei e Rainha da Inglaterra. Pois bem, esta história recebeu o nome de “Gloriosa Revolução”, apesar de que todas as evidências indiquem que o ocorreu de fato foi uma invasão e uma derrota da Inglaterra, talvez uma “gloriosa invasão”, mas nunca uma “revolução”. É bem verdade, que Mary de Orange, era filha de James II e que, além disto, algum tempo antes da invasão holandesa, um grupo de setes membros da aristocracia inglesa havia enviado uma carta a Guilherme de Orange solicitando a ajuda da Holanda contra seu próprio governo. Mas a invasão já estava preparada, e assim mesmo, o correto seria falar, então, num “golpe de estado”, ou ainda, numa “gloriosa traição”, porque inclusive, na hora da luta, os “sete nobres” ingleses já haviam fugido da Inglaterra. Agora bem, não há dúvida que depois de tudo isto, os 13 anos de governo de Guilherme de Orange representaram um verdadeiro salto de qualidade para o mundo financeiro da Inglaterra que se fundiu praticamente com as finanças holandesas dando um renovado impulso à Companhia Inglesa das Índias Orientais, e reorganizando completamente o sistema de administração da dívida pública do governo inglês, através da criação do Banco da Inglaterra, em 1694. Mas tudo isto talvez apenas aumente o mérito histórico dos holandeses, mas não chega a transformar uma invasão bem sucedida, numa revolução gloriosa.

Existiu, entretanto, um outro caso de “inversão da história” inglesa que teve conseqüências muito mais importantes, em todo mundo. Foi a Guerra Civil que culminou com a Revolução Republicana de Oliver Cromwell, e que derrubou a monarquia e decapitou o Rei Carlos I, em 1648. Dois anos depois de sua morte, após a restauração monárquica em 1660, o corpo de Cromwell foi desenterrado, seus restos foram esquartejados, e sua cabeça ficou exposta em Westminster, o que fala por si só da importância atribuída a Cromwell pela Coroa inglesa. Afinal, Oliver Cromwell, foi o único “plebeu” que ousou desafiar, derrotar e decapitar um rei da Inglaterra. A importância de Cromwell, entretanto, transcende os fatos imediatos, porque sua revolução e seu governo mudaram definitivamente a história econômica e política da Inglaterra e do mundo. Antes que nada, foi Oliver Cromwell quem consolidou as bases fiscais e administrativas do estado moderno inglês, e ao mesmo tempo “nacionalizou” as suas Forças Armadas, criando um exército profissional de 30 mil homens, e uma marinha que veio a ser o principal instrumento do poder político inglês através do mundo. Por outro lado, foi Cromwell que deu forma e força ao mercantilismo inglês, ao decretar o “1º Ato da Navegação”, em 1651, que fechou os portos e monopolizou o comércio, na mão dos navegantes ingleses. Dando início a uma política mercantilista que se manteve vigente na Inglaterra durante os dois séculos seguintes, até pelo menos a abolição das Corn Laws, que protegiam a agricultura da ilha, em 1846. Ao lado do mercantilismo, Cromwell também oficializou a política de expansão colonial da Inglaterra, assumindo imediatamente a sua liderança. Primeiro, atacou e submeteu a Irlanda e a Escócia, e logo em seguida começou as guerras com a Espanha e com a Holanda, pelo controle do Mar do Norte e do Caribe. E foi na guerra com a Espanha que a Inglaterra de Cromwell conquistou sua primeira colônia de povoamento, Jamaica, em 1655. A partir de então, a Inglaterra fez aproximadamente 90 guerras e nunca mais interrompeu a expansão do seu território econômico e colonial, até o século XX, quando o Império Britânico alcançou sua máxima extensão, depois da 1ª Guerra Mundial.

De todos os pontos de vista, portanto, o governo de Oliver Cromwell foi o grande iniciador do mercantilismo e do expansionismo colonial e imperial da Inglaterra. E depois de Cromwell, a Inglaterra nunca mais abriu mão do seu mercantilismo até a primeira metade do século XIX, quando já havia feito sua Revolução Industrial e liderava a economia mundial e seu processo de divisão internacional do trabalho. Mas também, quando já havia derrotado Bonaparte e as pretensões imperiais da França, impondo sua hegemonia política na Europa e no resto do mundo, e impondo sua hegemonia naval em todos os oceanos e mares da terra, incluindo a América Latina que havia conquistado sua independência sob o patrocínio britânico.

Pois bem, aqui de novo, os ingleses costumam contar a história ao contrário. Falam de uma grande “Revolução Liberal” e os historiadores econômicos, em particular, falam de um “modelo liberal inglês” de desenvolvimento capitalista, diferente dos “modelos protecionistas” da França, da Alemanha, dos Estados Unidos etc. Quando na verdade os fatos não deixam lugar a dúvidas: a história inglesa que começa com a revolução de Cromwell, é a história de maior sucesso do mercantilismo e do expansionismo europeu, em matéria de acumulação de poder e riqueza de um estado e de uma economia nacionais. No governo de Cromwell foram tomadas as primeiras decisões estratégicas que levaram a Inglaterra à Revolução Industrial, e à construção do seu Império Britânico, dois pilares do “milagre capitalista” inglês. Talvez por isto mesmo, o Império Britânico jamais abriu mão do monopólio do poder de contar a sua própria história, segundo seus próprios interesses.

José Luís Fiori é professor - titular do **Instituto de Economia da UFRJ** e editor do livro **O Poder Americano** (Editora Petrópolis). Escreve mensalmente, às quartas-feiras, no jornal **Valor Econômico**. Este texto foi publicado no dia 16 de agosto de 2006.